



## Mapeamento de padrões construcionais com o verbo *virar* na língua portuguesa

### *Mapping constructional patterns with the verb virar in portuguese*

Pedro Gomes da Silva Neto

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Cidade de Goiás, Goiás / Brasil

[gomesopedro@gmail.com](mailto:gomesopedro@gmail.com)

<http://orcid.org/0000-0002-4315-2923>

Déborah Magalhães de Barros

Universidade Estadual de Goiás (UEG-POSLLI), Cidade de Goiás, Goiás / Brasil

[deborah\\_barros@hotmail.com](mailto:deborah_barros@hotmail.com)

<http://orcid.org/0000-0003-1722-840X>

**Resumo:** O objetivo deste artigo foi analisar os usos com o verbo *virar* a fim de mapear um conjunto de padrões construcionais associado a ele na Língua Portuguesa. Com este fim, o estudo filiou-se aos Modelos Baseados no Uso e, mais especificamente, à Abordagem Construcionista Baseada no Uso (GOLDBERG, 2019), assumindo a construção – pareamento de forma e de significado – como a unidade básica de análise. Para o desenvolvimento da pesquisa, adotou-se o Método Misto Incorporado em que foram empregados diferentes procedimentos para análise qualitativa e quantitativa dos dados. O Corpus do Português foi o banco de dados utilizado e foram coletadas 922 ocorrências que são provenientes dos séculos XIX e XX. A hipótese era que as Construções de Estrutura Argumental interferissem no agrupamento de representações associado ao verbo na mesma medida em que os verbos interferem na representação das Construções de Estrutura Argumental. A análise confirmou a hipótese ao constatar usos do verbo *virar* com a Construção de Movimento Causado, a Construção de Movimento Intransitiva, a Construção Resultativa Intransitiva, a Construção [Pronome Oblíquo + *virar*] e a Construção [*virar e mexer* + Oração]. Desse modo, o agrupamento de representações atribuído ao verbo também inclui seus diferentes contextos de uso que assumem diferentes padrões oracionais e, a partir deles, usos mais específicos emergem. Assim, o artigo contribui com discussões sobre a natureza do significado verbal pela Gramática de Construções.

**Palavras-chave:** verbo; construção; língua portuguesa.

**Abstract:** The aim of this article was to analyze the uses of the verb *virar* in order to map the cluster of representations associated with it in Portuguese. With this proposal, the study joined the Usage-based Models and more specifically the Usage-based Constructionist Approach (GOLDBERG, 2019), adopting the construction – a pairing of form and meaning – as basic unit of analysis. For the development of the research, the Incorporated Mixed Method was adopted in which different mechanisms were used for qualitative and quantitative data analysis. The Corpus do Português was the database used and 922 occurrences from the 19th and 20th centuries were collected. The hypothesis was that Argument Structure Constructions interfered with the cluster of representations associated with the verb in the same way that verbs interfere with the representation of Argument Structure Constructions. The analysis confirmed the hypothesis by verifying uses of the verb *virar* with Caused-motion Construction, Intransitive Motion Construction, Intransitive Resultative Construction, [Pronome Oblíquo + *virar*] Construction and [*virar* e *mexer* + clause] Construction. In this way, the clustering of representations attributed to the verb also refers to its different contexts of use that assume different clause patterns and, then, more specific uses emerge from them. Thus, the article contributes with discussions on the nature of verbal meaning in Construction Grammar.

**Keywords:** verb; construction; portuguese.

Recebido em 01 de julho de 2021

Aceito em 01 de setembro de 2021

## 1. Introdução

A presente pesquisa é respaldada pelos Modelos Baseados no Uso, cuja maior representação em vertente brasileira está na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que conjuga princípios tanto da Linguística Cognitiva quanto da Linguística Funcional (BARROS, 2016). Dentro desse escopo, a Gramática de Construções foi recrutada como base teórica e delimitou-se especificamente ao modelo desenvolvido por Adele Eva Goldberg (1995, 2006, 2019), nomeado inicialmente como Gramática de Construções Cognitiva e inserido posteriormente sob a nomenclatura mais abrangente de Abordagem Construcionista Baseada no Uso.

O principal fundamento da Gramática de Construções está em analisar o conhecimento linguístico como um repertório de agrupamentos que incluem informações tanto da forma quanto do significado (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988). Em razão disso, adota-se como unidade básica de análise a construção, entendida como uma unidade simbólica constituída por uma interface formal, que inclui seus aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos, e por uma interface conceptual, que corresponde aos seus aspectos semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais (CROFT, 2001).

Na Gramática de Construções, o verbo é particularmente instigante por perder a sua centralidade como o predicador relacional de sentenças. Goldberg (2019), em vista de suas primeiras proposições, reorienta o *status* do verbo ao definir uma palavra como um agrupamento de representações estruturadas e parcialmente sobrepostas dentro do Espaço Conceptual Hiperdimensional. Essas representações podem incluir informações detalhadas sobre forma, significado e contextos de uso. Dessa forma, não há apenas o armazenamento da sequência sonora e do sentido prototípico da palavra, mas também de representações semânticas estruturadas que são baseadas em seus contextos de uso. A partir dessa concepção, a representação de um verbo pode ser associada a múltiplos sentidos agrupados e organizados radialmente em torno de um único *frame* semântico prototípico (GOLDBERG, 2019).

A indagação de quais e/ou a quantas representações um único verbo pode ser associado motivou o seguinte problema de pesquisa: (i) A quais padrões construcionais o verbo *virar* é associado de acordo com o seu uso em dados reais da Língua Portuguesa? Assim, assume-se como objetivo descrever os usos com o verbo *virar* a fim de mapear os padrões construcionais que ele instancia na Língua Portuguesa. Este objetivo é dividido em três mais específicos: (i) identificar as Construções de Estrutura Argumental que licenciam usos com o verbo *virar*; (ii) verificar em que medida a Estrutura Semântica do verbo se funde com as Estruturas Argumentais das construções; e (iii) sistematizar as relações entre os seus diferentes usos em um mesmo agrupamento.

A hipótese é que as Construções de Estrutura Argumental podem interferir no agrupamento de representações de um verbo na mesma medida em que os verbos interferem na representação das Construções de Estrutura Argumental. Goldberg (2019) afirma que os falantes retêm na memória quais verbos ocorrem com quais construções. Desse modo,

partindo de uma referência cruzada, supõe-se que o agrupamento de representações atribuído a um verbo também abrange os seus diferentes contextos de uso que assumem diferentes padrões oracionais. Como resultado, haveria uma categoria semanticamente inter-relacionada de Construções de Estrutura Argumental que compartilham um mesmo verbo em comum.

Para atingir o fim proposto, o artigo é organizado em três partes. A primeira é dedicada à revisão de literatura em que se discute os Princípios CENCE ME, os significados das palavras e as Construções de Estrutura Argumental, conforme proposto por Goldberg (1995, 2006, 2019); a segunda é dedicada ao método e aos dados empregados; e a terceira é destinada à análise dos dados.

## **2. Abordagem Construcionista Baseada no Uso**

A Abordagem Construcionista Baseada no Uso, termo cunhado por Goldberg (2019), fundamenta uma compreensão da linguagem baseada nos Princípios CENCE ME<sup>1</sup>. Esses princípios enfatizam o fato de que exemplares – representações parcialmente abstratas da experiência com a língua – são agrupados em um Espaço Conceptual Hiperdimensional<sup>2</sup>, dando origem às construções que compõem o conhecimento de uma língua. Essas construções são de natureza emergente por compor um todo dinâmico e em constante adaptação de acordo com as demandas comunicativas (GOLDBERG, 2019). Os Princípios CENCE ME são:

---

<sup>1</sup> Anagrama com as palavras-chave de cada princípio.

<sup>2</sup> O termo Espaço Conceptual Hiperdimensional diz respeito ao domínio cognitivo que envolve a organização e a representação do conhecimento linguístico.

Quadro 1 – Princípios CENCE ME

<b>PRINCÍPIOS CENCE ME</b>
A. Os falantes equilibram as necessidades em ser Expressivos e Eficientes, enquanto se adaptam às convenções de suas comunidades de fala.
B. Nossa Memória é vasta, mas imperfeita: traços da memória são retidos, mas são parcialmente abstratos (“com perdas”).
C. Memórias com perdas são alinhadas quando compartilham aspectos relevantes da forma e da função, resultando em agrupamentos emergentes e sobrepostos de representações: Construções.
D. Novas informações são relacionadas às informações velhas, resultando em uma rica rede de construções.
E. Durante a produção, múltiplas construções são ativadas e Competem entre si para expressar nossa mensagem pretendida.
F. Durante a compreensão, incompatibilidades entre o que é esperado e o que é testemunhado refinam nossa rede de construções aprendida por meio da Aprendizagem Orientada por Erros.

Fonte: reprodução da Tabela 1.3 de Goldberg (2019, p. 17-18) [tradução própria].

O primeiro princípio está relacionado aos objetivos comunicativos dos interlocutores, sendo eles: compreender mensagens de acordo com as formas que testemunham e produzir formas de acordo com as mensagens que desejam transmitir. A expressividade se refere aos meios disponíveis aos interlocutores que devem ser suficientes para assegurar a transmissão bem-sucedida de uma mensagem; e a eficiência se refere à preferência dos interlocutores por um material reduzido para comunicação, uma vez que é mais fácil de aprender e de produzir. Essas duas forças se restringem mutuamente, levando os interlocutores a se equilibrarem entre o uso com menor esforço e o uso mais expressivo. Além disso, os interlocutores também são conscientes da língua enquanto um empreendimento social e normativo e, por isso, buscam se adequar às convenções de sua comunidade linguística (GOLDBERG, 2019).

Os três princípios seguintes estão relacionados aos efeitos da memória e à formação de agrupamentos no Espaço Conceptual Hiperdimensional. De acordo com o segundo princípio, os seres humanos acumulam uma vasta rede inter-relacionada de conhecimentos que é estruturada e parcialmente abstrata. É estruturada por ser naturalmente associativa, ou seja, por nenhuma representação ser armazenada em módulos rigidamente separados. Em vez disso, as representações formam

uma rede com cada representação individual sendo interligada às demais. É parcialmente abstrata por envolver compreensão com perda. Isso significa que os seres humanos não armazenam todas as informações que observam e o armazenamento não é feito de modo aleatório. Eles tendem a reter apenas as informações que são percebidas como mais relevantes em um dado contexto a fim de refinar suas inferências posteriormente (GOLDBERG, 2019).

Estes fatos relacionados à memória geral se aplicam igualmente à língua. De acordo com Goldberg (2019), devido à vasta capacidade do cérebro humano para memória implícita, um único encontro com uma construção é suficiente para deixar um traço com perda retido na memória. Este traço, por sua vez, pode ser fortalecido através de encontros adicionais, reforçando aspectos compartilhados e adicionando novas informações contextuais ao agrupamento que se forma.

O terceiro princípio é justamente resultado dessa compreensão. A partir das experiências com a língua, os seres humanos acumulam exemplares estruturados e parcialmente abstratos em categorias no Espaço Conceptual Hiperdimensional, fazendo emergir as restrições na forma e na função das diversas construções de uma língua. Um exemplo é o processo de generalização que dá origem às Construções de Estrutura Argumental, pareamentos de forma e de significado que funcionam como o principal predicado relacional de uma oração. O verbo, nesse caso, é crucial por fornecer o conteúdo semântico que fortalece o entrincheiramento entre a forma e a função da construção e por funcionar como uma âncora ao atrair outros verbos com semântica similar para o mesmo agrupamento. Por isso, as unidades verbais são os meios pelos quais as Construções de Estrutura Argumental emergem ao longo do desenvolvimento linguístico e a partir de princípios gerais de categorização (GOLDBERG, 2019).

À medida que esses exemplares são armazenados e se sobrepõem no Espaço Conceptual Hiperdimensional, as novas informações são associadas às velhas, o que culmina na ampla rede de construções que corresponde ao conhecimento da língua. Essa é a ideia proposta no quarto princípio e se refere à formação do *constructicon*. Vale observar ainda que, independentemente, dos níveis de generalização, todas as unidades da língua estão interconectadas entre si e influenciam a representação uma das outras, o que motiva a hipótese apresentada na introdução.

Alinhado a esse armazenamento e a essa sobreposição de exemplares no Espaço Conceptual Hiperdimensional está o processo de Entrincheiramento Simples em que quanto mais frequente for uma formulação, mais acessível e familiar ela será. Goldberg (2019) utiliza esse conceito para elucidar a frequência como um fator de familiaridade e de maior acessibilidade das expressões linguísticas<sup>3</sup>. No entanto, o processo de entrincheiramento cobre uma noção mais ampla. Esse processo diz respeito a um exercício cognitivo de repetição de usos de termos empregados de maneira junta, tornando-se mais especializados e, por consequência, automatizados, uma vez que são acessados como unidade significativa.

O entrincheiramento ocorre tendo como referência as propriedades das construções, como a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade. A esquematicidade diz respeito à abstração de uma construção a partir de usos específicos. Nesse caso, quanto mais alta for uma generalização, mais esquemática será uma construção. A produtividade está relacionada à medida em que uma construção mais esquemática sanciona outras construções mais específicas e à medida em que essa extensão é restringida. E a composicionalidade se refere à medida em que a ligação entre a forma e o significado de uma construção é transparente. Assim, uma construção é mais composicional quando o significado do todo reflete o significado de suas partes, e é menos composicional quando o significado do todo não corresponde a soma de suas partes constituintes (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Como o entrincheiramento é um processo cognitivo com base na repetição, ele atua desde a formação de esquemas até o estabelecimento de unidades menos composicionais e mais especializadas, formando também unidades linguísticas idiossincráticas. Portanto, quanto mais frequente for um uso, mais entrincheirada sua representação se torna na mente do falante, sendo armazenada como uma unidade simbólica independente.

Os dois últimos princípios estão relacionados ao modo como o conhecimento linguístico é restringido. O quinto princípio tem por base o Princípio da Não-Sinómia (GOLDBERG, 1995). Como toda unidade da gramática é composta por uma forma e por uma função, presume-

---

<sup>3</sup> A autora o distingue de Conservadorismo via Entrincheiramento que se refere à frequência como uma evidência negativa indireta de como as expressões linguísticas não podem ser usadas, assunto sobre o qual ela contra-argumenta (cf. GOLDBERG, 2019).

se a inexistência de variação e de sinonímia entre as construções. Em razão disso, o quinto princípio estabelece que todas as formas em uma língua estão em competição umas com as outras para a transmissão de uma mensagem-em-contexto particular. E o sexto princípio, por sua vez, se refere à tendência humana de gerar expectativas sobre as formas linguísticas que estão por vir e o seu papel na Aprendizagem Orientada por Erros. Toda vez que o ouvinte testemunha uma expressão incompatível com a sua previsão, o resultado é um sinal de erro que modifica as conexões previamente estabelecidas para aprimorar as suas futuras previsões. Ambos os princípios compõem uma abordagem explicativa de como as generalizações são restringidas e porque, embora criativos, os seres humanos ainda são conservadores, o que remete à Preempção Estatística – competição em contexto – e ao aprendizado de formas mais convencionais (cf. GOLDBERG, 2019).

Todos esses princípios geram uma concepção de construção mais inclusiva que as apresentadas anteriormente por Goldberg (1995, 2006). Nessa abordagem, as

[...] construções são entendidas como agrupamentos emergentes de traços de memória com perda que são alinhados dentro do nosso espaço conceptual de alta-(hiper!) dimensão com base na forma, na função e nas dimensões contextuais compartilhadas. (GOLDBERG, 2019, p. 19) [tradução própria].<sup>4</sup>

Por conseguinte, essa concepção não inclui apenas as informações sobre o pareamento entre forma e significado, que corresponde ao conhecimento sobre morfemas, palavras, expressões idiomáticas e padrões frasais mais esquemáticos (GOLDBERG, 2006). Mas também sobre como essas unidades são representadas na mente e como as experiências linguísticas impactam o seu armazenamento. Desse modo, a língua é vista como uma rede de conexões interligadas em que a ativação de suas regiões depende dos propósitos e das funções mentalizadas pelos seus falantes.

Essa abordagem também motivou uma observação mais atenta às palavras e aos mecanismos de seu aprendizado e uso, uma vez que estes

---

<sup>4</sup> Original: “[...] constructions are understood to be emergent clusters of lossy memory traces that are aligned within our high- (hyper!) dimensional conceptual space on the basis of shared form, function, and contextual dimensions.” (GOLDBERG, 2019, p. 19).

mesmos mecanismos se aplicam às construções mais complexas. Dessa forma, desde os morfemas até as Construções de Estrutura Argumental, o conhecimento linguístico é composto por agrupamentos de representações que estão associadas entre si e que dependem crucialmente dessa interação para o uso expressivo e eficiente da linguagem no nível do *constructo*.

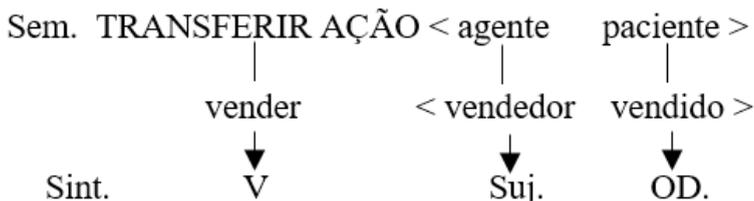
## 2.1. O significado das palavras como agrupamento de representações estruturadas

De acordo com a Semântica de *Frames*<sup>5</sup>, a interpretação de uma expressão não é redutível a um conjunto de atributos ou de características particulares, mas se fundamenta em conceptualizações estruturadas e ricamente imbuídas de conhecimento contextual e de mundo (FILLMORE, 1982; GOLDBERG, 2019). O verbo, de modo particular, faz referência a uma estrutura conceptual amplamente construída. O verbo *vender*, por exemplo, é interpretado com base no *frame* semântico de Evento Comercial que evoca uma cena em que um comprador está interessado em trocar o seu dinheiro por bens e um vendedor está interessado em trocar seus bens por dinheiro (FILLMORE, 1982). No entanto, o verbo *vender* perfila apenas a participação do vendedor em relação aos seus bens. Nesse caso, o comprador e o dinheiro não são requisitados pelo verbo, mas integram o *frame* acionado para a sua interpretação.

Os participantes evocados pelos verbos são nomeados por Goldberg (1995, 2006) como Papéis Participantes e juntos constituem a Estrutura Semântica de um verbo que funciona como uma instância das Construções de Estrutura Argumental. Essas são estruturas simbólicas constituídas por uma interface formal, que corresponde à tradicional noção de valência – o número e o tipo de argumentos de uma oração –, e por uma interface semântica, que corresponde a uma cena básica da experiência humana (GOLDBERG, 2006, 2019). Diante disso, a construção delimita semanticamente uma Estrutura Argumental com cada *slot* correspondendo a um Papel Argumental. O verbo *vender*, por exemplo, pode ser integrado à Construção Transitiva, cujo sentido prototípico envolve a transferência de ação entre um agente e um paciente (HOPPER; THOMPSON, 1980). Essa integração é representada na Figura 1:

---

<sup>5</sup> Programa de pesquisa em semântica empírica desenvolvido por Charles Fillmore (cf. FILLMORE, 1982).

Figura 1 – Construção Transitiva e o verbo *vender*

Fonte: baseado em Goldberg (1995, 2006).

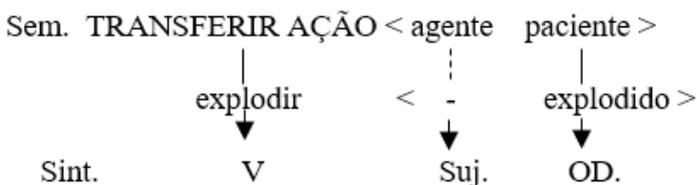
A Figura 1 sistematiza a fusão entre a Estrutura Argumental da Construção Transitiva e a Estrutura Semântica do verbo *vender*. Essa relação licencia usos como “**E Joaquina vendeu algumas das suas jóias.**” [...]” (19Ac:Pt:Enc). Nessa ocorrência, a entidade “Joaquina” é uma instância do Papel Participante vendedor, que se constitui como uma instância do Papel Argumental agente; e “algumas das suas jóias” é uma instância do Papel Participante vendido, que se constitui como uma instância do Papel Argumental paciente. Nesse caso, a relação entre o vendedor e os bens é construída como um evento causativo em que o vendedor altera o *status* dos seus bens.

Essa caracterização é relevante para capturar as restrições semânticas impostas simultaneamente aos Papéis Participantes associados aos verbos e aos Papéis Argumentais associados às construções, o que se refere à noção de *fusão* em Goldberg (1995). Na Figura 1, enquanto a primeira e a terceira linha se referem à estrutura simbólica da construção, a segunda linha representa um espaço em que qualquer verbo pode configurar, desde que constatado em uso. Dessa forma, o verbo é interpretado como uma instância particular de um conjunto simbólico mais abstrato e ambos divergem na especificidade em que o evento é detalhado.

Por essa visão, é possível que as duas estruturas tenham compatibilidade perfeita ou não. Na Figura 1, a compatibilidade é perfeita, porque cada Papel Participante do verbo é semanticamente compatível com os Papéis Argumentais da construção. Porém, há contextos em que a compatibilidade não é perfeita e a construção pode até contribuir com um papel não previsto na semântica do verbo. É o caso de verbos semanticamente intransitivos na Construção Transitiva, como em “**Uma terrorista suicida explodiu uma bomba** junto ao escritório da primeira-ministra Bandaranaike [...]” (19Ac:Pt:Enc). Nesse caso, há o

que se chama de coerção – um processo de reinterpretação contextual de um item lexical que é desencadeado pela necessidade de resolver conflitos semânticos (MICHAELIS, 2006). Assim, a construção coage um aspecto da interpretação do verbo que não é previsto pelo seu *frame* semântico prototípico (GOLDBERG, 2019). O *frame* do verbo *explodir*, por exemplo, envolve apenas algo que explode, mas é reinterpretado como um evento causativo ao se integrar à Construção Transitiva, como representa a Figura 2:

Figura 2 – Construção Transitiva e o verbo *explodir*



Fonte: baseado em Goldberg (1995, 2006).

Através da Figura 2, o verbo *explodir*, que envolve prototipicamente apenas algo que explode, se constrói como um evento causativo, licenciando usos em que uma terrorista suicida ativa uma bomba com o intuito de fazê-la explodir. Dessa forma, a construção contribui com uma entidade agente, como indicado pela linha pontilhada, que não é prevista na semântica do verbo *explodir* e, portanto, coage um aspecto da sua interpretação.

Essa relação entre verbo e Construção de Estrutura Argumental é sistematizada principalmente nos primeiros trabalhos de Goldberg (1995, 2006), onde não se considera o modo como o uso dos verbos em diferentes construções afeta a sua representação semântica. Pela Abordagem Construcionista Baseada no Uso, por outro lado, a representação de uma palavra é influenciada pela sua frequência de uso e pela gama de contextos em que é testemunhada (GOLDBERG, 2019). O que Goldberg (1995, 2006) determinou como Estrutura Semântica do verbo é apenas o seu *frame* semântico prototípico, o núcleo do agrupamento de suas representações semânticas. Assim, o significado de um verbo está relacionado a um agrupamento dinâmico de representações estruturadas e parcialmente sobrepostas dentro do Espaço Conceptual Hiperdimensional, cuja gênese está na experiência

linguística alinhada às capacidades de memória e de categorização do ser humano (GOLDBERG, 2019).

O que motiva a distribuição de uma palavra em diferentes contextos linguísticos é a necessidade de vincular velhas palavras a novos propósitos comunicativos – a expressividade e a eficiência –, o que ocorre por meio do processo cognitivo de analogia. No entanto, essa extensão não é aleatória e tem por base o *frame* semântico prototípico associado à palavra. Assim, Goldberg (2019) reconhece a polissemia como uma rede de significados relacionados a uma única palavra particular. Por exemplo, a autora apresenta os seguintes significados vinculados ao verbo *to fire* (atirar): (i) “*to fire someone*”, demitir alguém do emprego sem aviso prévio, causando-o geralmente danos emocionais e financeiros e, às vezes, feito por raiva; (ii) “*to fire questions or insults at someone*”, fazer comentários de modo rápido, repetido e desagradável; (iii) “*neurons fire*”, o potencial de ação de um neurônio ao enviar um sinal elétrico pelo axônio (rápido, direcionado); e (iv) “*to fire off a letter*”, direcionar rapidamente um ato comunicativo para alguém motivado normalmente por raiva (GOLDBERG, 2019, p. 33-35).

Prototipicamente, o verbo *to fire* envolve o disparo de uma arma de fogo com a intenção de ferir ou de matar alguém por motivos de ódio ou de raiva. Porém, ele também está vinculado a contextos de demissão, de insultos e até mesmo de atividade neurológica, como visto acima. Para Goldberg (2019), cada um desses significados retém alguma implicação do seu *frame* semântico prototípico, embora não seja possível traçar um único sentido comum entre todos eles. *Neurons fire*, por exemplo, retém apenas a implicação de ação rápida e direcionada, mas não envolve raiva ou ódio, como os demais.

Portanto, de acordo com Goldberg (2019), uma palavra é associada a múltiplos sentidos que são agrupados em torno de um único *frame* semântico prototípico. Esse *frame*, geralmente ancorado em uma experiência física (LANGACKER, 2008), é a base para as extensões semânticas que herdaram alguns de seus atributos, mas não todos. O resultado é um agrupamento que forma uma categoria radial, onde as extensões irradiam do *frame* semântico prototípico. Desse modo, o aprendizado da correlação entre a forma e a função de uma palavra não se limita ao *frame* prototípico acionado, mas engloba uma gama de representações que estão associadas a significados contextualmente determinados no uso. Nesse caso, toda palavra tem o seu próprio nicho

distribucional, e, considerando o verbo, a sua distribuição ocorre em diferentes Construções de Estrutura Argumental.

Antes da análise, porém, se faz necessário explicar a metodologia e os dados empregados na pesquisa.

### 3. Metodologia

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, adotou-se o Método Misto Incorporado em que foram empregados diferentes procedimentos para análise qualitativa e quantitativa dos dados (GIL, 2019). A esse respeito, a pesquisa é majoritariamente qualitativa no sentido de buscar a descrição e a interpretação de construções com o verbo *virar* e é parcialmente quantitativa por avaliar os dados de acordo com a Frequência *Token*, as diferentes ocorrências de um único verbo em uma mesma construção (GOLDBERG, 2019).

Os dados foram retirados do Corpus do Português<sup>6</sup> e, mais especificamente, do conjunto Gênero/Histórico que contém cerca de 45 milhões de palavras distribuídas entre os anos de 1300 e de 1900. As 20 milhões de palavras que correspondem aos anos de 1900 ainda variam entre textos dos gêneros de conversação, ficção, jornais e universidade. Esse conjunto foi eleito por sua diversidade, abrangendo qualquer resultado de uso real da língua, sendo produto tanto da escrita quanto da fala, o que garante metodologicamente uma parcela mais representativa da Língua Portuguesa em diferentes contextos de comunicação.

A busca pelos dados se sucedeu através da inserção do verbo *virar* em suas diferentes flexões no campo de pesquisa disponível no site do *corpus*, o que levou a uma lista de frequência e posteriormente a uma lista com o contexto de cada uso. Através dessa busca, selecionou-se dados tanto do Português Brasileiro quanto do Português Europeu. Além disso, todos os usos constatados pertencem aos séculos XIX e XX.

A principal preocupação em selecionar os dados estava em capturar uma escala mais ampla de contextos linguísticos com o uso do verbo *virar*. Em vista disso, as delimitações por gênero, período e nacionalidade não

---

<sup>6</sup> O Corpus do Português foi criado por Mark Davis, financiado pelo *National Endowment for the Humanities* (2004, 2015) e faz parte da coleção de *corpora* da *Brigham Young University*. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>.

foram rigorosamente manipuladas, não sendo parâmetros de análise, mas informações que caracterizam a disposição dos dados.

Ao todo, foram analisadas 922 ocorrências do verbo *virar*, o que não corresponde a totalidade dos seus usos no Corpus do Português. As formas encontradas pela busca do verbo foram: *vira*, *virais*, *viram*, *viramos*, *virar*, *virará*, *virara*, *viraram*, *virarem*, *viraria*, *virariam*, *virarmos*, *viras*, *virasse*, *virassem*, *virássemos*, *viraste*, *virava*, *viravam*, *vire*, *virei*, *virem*, *viremos*, *viro* e *virou*. Enquanto as formas não encontradas foram: *viravas*, *virávamos*, *viráveis*, *virastes*, *viraras*, *viráramos*, *viráreis*, *virarei*, *virarás*, *viraremos*, *virareis*, *virarão*, *virarias*, *viraríamos*, *viraréis*, *vires*, *vireis*, *virasses*, *virásseis*, *virares* e *virardes*. A análise das ocorrências é apresentada a seguir.

#### 4. Análise dos dados

A análise dos dados parte da etimologia do verbo *virar* por ela recuperar o seu estado de origem e o provável ponto de partida de todas as suas extensões. Cunha (2010, p. 679) apresenta o seguinte verbete: “**virar** *vb.* ‘mudar de um para outro lado a direção ou a posição de’ XVII. Do fr. *virer*, deriv. do lat. \**virāre*, que se supõe resultar do cruzamento de *gyrāre* ‘girar’ com *vibrāre* ‘vibrar’ ou com *vertere* ‘voltar, virar’ [...]”. Considerando essa etimologia, o verbo *virar* se refere prototipicamente a uma mudança de direção em que uma entidade muda a posição de uma outra entidade em relação ao espaço. Assim, a sua Estrutura Semântica se caracteriza como um evento causativo-manipulativo que perfila três Papéis Participantes: o *virador*, o *virado* e a *direção*.

Assume-se essa aceção como prototípica por ser fundamentada diretamente na experiência dos falantes com o mundo físico (LANGACKER, 2008) e por entendê-la como o exemplar que melhor representa a categoria (CROFT, 2001). Essa assunção é baseada no reconhecimento de que conceitos fundamentados em experiências sensorio-motoras, como se mover pelo espaço, são mais básicos e de ordem primária para o sistema conceitual do ser humano (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Dos 922 dados analisados, apenas 426 ocorrências correspondem ao seu significado prototípico. Nesses casos, o verbo ocorre com a Construção de Movimento Causado (CMC) que corresponde à fusão prototípica com sua Estrutura Semântica por também envolver um evento causativo-manipulativo. Entretanto, o verbo *virar* também ocorreu com a Construção de Movimento Intransitiva (CMI) e com

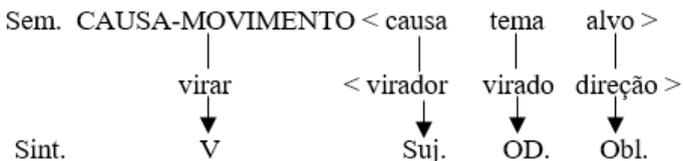
a Construção Resultativa Intransitiva (CRI). Além delas, houve mais dois usos bastante específicos. Por isso, a análise se concentra primeiro nos diferentes padrões em que o verbo *virar* foi usado e em como sua Estrutura Semântica é integrada às Estruturas Argumentais.

A Frequência *Token* do verbo *virar* na CMC foi de 426 ocorrências, o que corresponde a aproximadamente 46% dos dados<sup>7</sup>. Essa construção representa um evento causativo-manipulativo em que uma entidade causa o movimento de uma outra entidade a fim de alterar a sua posição em relação ao espaço físico. Essa conceptualização pode ser esquematizada como [(X causa Y a mover Z) → (S V OD Obl.)] (GOLDBERG, 1995, 2006, 2019). O seguinte uso atesta a sua ocorrência com o verbo *virar*:

(1) À janela, balança-se a gaiola redonda. **O canário vira o olho de miçanga para o ar azul do dia.** (19:Fic:Br:Meireles:Olhinhos).

Em (1), o canário causa o movimento do olho de miçanga a fim de mudar a sua direção para o ar azul do dia. Nesse caso, embora trate do movimento de uma parte constituinte do próprio canário, essa relação é expressa como se ambas as entidades fossem independentes uma da outra. Usos como esse foram muito recorrentes nos dados principalmente com os sintagmas “as costas”, “o rosto”, “a cara”, “o corpo”, “a cabeça” e “os olhos”, demonstrando a relevância da parte superior e frontal do corpo em indicar o direcionamento de atenção nos eventos. Em todos os casos, porém, a entidade e a sua parte são interpretadas independentemente em uma relação de causa-movimento. Assim, os papéis do verbo *virar* são fundidos isomorficamente com os papéis da construção, como representa a Figura 3:

Figura 3 – Construção de Movimento Causado e o verbo *virar*



Fonte: baseado em Goldberg (1995, 2006).

A Figura 3 representa a fusão isomórfica entre os Papéis Argumentais da construção – causa, tema e alvo – com os Papéis

<sup>7</sup> Corresponde exatamente a 46.20390455315%.

Participantes do verbo – virador, virado e direção. Assim, a Estrutura Semântica do verbo se constrói como uma instância central da Estrutura Argumental da construção. Essa integração licencia usos como em (1) e também usos como em (2):

- (2) **Mas se a filha de Walter Dias virasse a arma contra si, o seu peito e o seu próprio ventre, ninguém viria.** Ninguém correria sobre ela para levantá-la do soalho, nem seria preciso. (19:Fic:Pt:Jorge:Paixão).

Em (2), a ocorrência envolve o movimento de uma arma em relação ao eixo de uma entidade – a filha de Walter Dias. Nesse caso, a relação de causa-movimento se estabelece entre duas entidades totalmente independentes uma da outra, o que a difere da ocorrência em (1).

No entanto, além dessas ocorrências mais centrais, houve usos em que a CMC não ocorreu sozinha. Isso porque uma expressão é resultado da combinação de pelo menos meia dúzia de construções, como afirma Goldberg (2006). Um exemplo é o uso de Construções de Estrutura Argumental com a Construção de Voz Reflexiva em que dois Papéis Participantes são mesclados – fundidos em um único Papel Argumental (GOLDBERG, 1995). Porém, diferentemente do que aborda Goldberg (*idem*) e de acordo com a análise dos dados, os próprios Papéis Argumentais também são mesclados. Uma dessas ocorrências é apresentada a seguir:

- (3) Por esse tempo, passos fortes na escada vieram perturbar os meus pensamentos. **Todos nos viramos para a porta de entrada.** Pela sala adentro entrou aquele senhor de cartola [...] (19:Fic:Br:Barreto:Caminha).

Em (3), a causa do movimento parte e incide sobre as mesmas entidades indicadas pelos pronomes. Nesses casos, os Papéis Participantes virador e virado são mesclados em uma única entidade, o que faz dos Papéis Argumentais causa e tema uma única entidade também. Portanto, em (3), a compreensão é que todos causaram o movimento do próprio corpo em direção à porta de entrada. Sendo assim, a CMC contribui com a conceptualização básica da expressão, enquanto a Construção de Voz Reflexiva indica um evento que parte e incide sobre uma única entidade, restringindo a interpretação dos Papéis Participantes virador e virado e dos Papéis Argumentais causa e tema.

A expressão em (3) não é instância da CMI porque sua conceptualização envolve um evento causativo-manipulativo e é marcada

explicitamente por pronome oblíquo, que corresponderia ao objeto direto pela Gramática Tradicional. Assim, o pronome oblíquo marca a reflexividade do evento e restringe a conceptualização de manipulação entre duas entidades da CMC.

Há também ocorrências em que alguns argumentos são omitidos, uma vez que a Língua Portuguesa permite a elisão de elementos conhecidos pelo entorno comunicativo, como os próprios interlocutores, e de elementos mencionados anteriormente no discurso. As seguintes ocorrências atestam esses usos:

(4) Trindade - Está dito, vai-se ao gargalo. (Recebe o saca-rolha e abre a garrafa) Nogueira - Viva o Trindade. (Bebe) Frederico (Tirando-lhe a garrafa) - Alto frente: ainda não bebi. À saúde de sua brilhante sabatina, Senhor Trindade. (**Vira a garrafa**) Trindade - Meus senhores, um brinde: à saúde da emancipação do primeiranista, e à morte de todos esses prejuízos acadêmicos que herdamos da velha Coimbra. (18:França:Cinismo).

(5) Para preparar- lo, calcule que cada pessoa consome em média 30 gramas. Corte o foie gras em fatias de 1 cm. Esquente bem uma chapa de cozinha grossa, coloque as fatias, conte até 6 e **vire de lado**. Conte até 6 novamente. (19N:Br:Folha).

Em (4), um texto do gênero teatro, há a elisão tanto do sujeito quanto da informação direcional. O sujeito é elidido por ser inferível a partir do discurso prévio – Frederico – e o oblíquo por ser uma informação cognitivamente saliente com base na experiência dos seres humanos com a ingestão de bebida. E, em (5), não há a ocorrência de um sujeito e há a elisão do objeto direto. O sujeito não ocorre pelo Tipo Textual do exemplo ser injuntivo e, por isso, envolver instruções sobre como fazer uma receita; e o objeto direto é elidido por se referir a uma entidade já conhecida pelo contexto discursivo.

Vale notar também que (4) não corresponde à Construção Transitiva prototípica e (5) também não corresponde à CMI. Em todos esses usos, o *frame* acionado é de um evento causativo-manipulativo em que uma entidade causa o movimento de uma outra entidade em relação ao espaço e, por isso, são todas instâncias da CMC. As elisões ou não ocorrências são motivadas pragmaticamente ou discursivamente, porque os falantes prezam pela eficiência na comunicação. Além disso, esses

argumentos são considerados Argumentos Nulos Definidos<sup>8</sup>, porque as identidades dos seus referentes são contextualmente recuperadas (GOLDBERG, 1995) e, portanto, fazem parte da conceptualização na interpretação das expressões.

A CMC com o verbo *virar* também não se restringe apenas a relações espaciais, ela também demonstra usos mais abstratos que são extensões metafóricas a partir das relações físicas do seu sentido prototípico, como consta em (6) e (7):

(6) **Joaquim Rodrigues virou, depois, atenções para algumas experiências pedagógicas.** (19N:Pt:Beira).

(7) Durante dois anos **o Ocidente virou as costas a Li Peng**, por o seu Governo ter lançado o Exército contra manifestantes desarmados que se encontravam em a Praça Tiananmen, em Pequim. (19N:Pt:Público).

Em (6), o uso conceptualiza movimento-causado em termos de mudança-causada em que se altera a atenção de um para outro assunto. E o uso em (7), embora apresente ocorrências literais, também está associado a um contexto abstrato, mas no nível das relações humanas. Nesse caso, alterar a direção das costas ou do rosto significa não apoiar ou se opor a uma dada entidade. Além disso, outros usos com os sintagmas “a cabeça”, “os miolos”, etc. se referem a uma mudança-causada no estado mental de uma outra entidade.

Essas extensões têm por base duas metáforas: MUDANÇA É MOVIMENTO e MUDANÇA DE ESTADO É MUDANÇA DE DIREÇÃO. Em ambas as metáforas, a mudança física que representa uma mudança entre dois espaços físicos é projetada para uma mudança abstrata entre dois pontos temporais (LAKOFF *et al.*, 1991). De acordo com os dados apresentados, o Domínio Fonte é a conceptualização de eventos ancorados na realidade física do mundo, como mudar a direção de uma arma, e o Domínio Alvo é a projeção dessa experiência física em domínios da experiência abstrata, como se opor a uma entidade política. Esses usos abstratos indicam que o evento causativo-manipulativo da construção também pode envolver extensões metafóricas, como já

---

8 Goldberg (1995) se refere apenas a Complementos Nulos Definidos e Complementos Nulos Indefinidos. No entanto, como a Língua Portuguesa também permite a elisão do sujeito, cujo *status* não é de complemento e sim de um argumento externo, optou-se aqui por tratar as elisões por Argumentos Nulos Definidos e Argumentos Nulos Indefinidos.

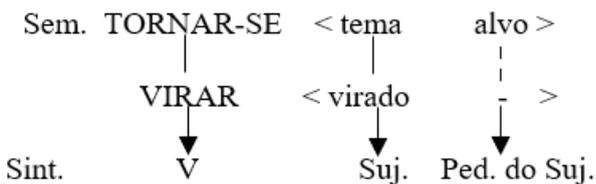
exposto por Goldberg (1995, 2006). Porém, é importante observar que esses usos metafóricos podem ter motivado o deslocamento do verbo *virar* para outros agrupamentos, como a CRI.

A Frequência *Token* do verbo *virar* na CRI foi de 356 ocorrências, correspondendo a aproximadamente 38% dos dados<sup>9</sup>. Essa construção conceptualiza um evento em que uma entidade experiencia uma mudança de estado, seja ela física ou abstrata, e pode ser esquematizada como [(X se tornar Y) → (S V Pred. S)]. A seguinte ocorrência demonstra a CRI com o verbo *virar*:

(8)E se bebe, é para valer. Uma carraspana das boas. **Bêbado, o Provedor vira um animal.** (19:Fic:Br:Resende:Braco).

Em (8), uma entidade, ao beber, passa por uma mudança de estado se assemelhando ao comportamento irracional e violento dos animais. Nesse caso, o verbo não representa mais uma mudança de direção e o seu significado é coagido pelo padrão construcional. A Figura 4 representa a fusão entre o verbo *virar* e a CRI:

Figura 4 – Construção Resultativa Intransitiva e verbo *virar*



Fonte: baseado em Goldberg (1995, 2006).

Através da Figura 4, observa-se a fusão não isomórfica entre o verbo *virar* e a CRI. A Estrutura Argumental da construção restringe dois Papéis Argumentais – o tema e o alvo – que são simbolicamente associados a duas classificações sintáticas – o sujeito e o predicativo do sujeito. A escolha por predicativo do sujeito e não oblíquo é motivada pelo argumento representar um atributo ao sujeito da construção, podendo ser um sintagma adjetival ou um sintagma preposicionado. O verbo *virar*, ao ser integrado a essa construção, perfila apenas um dos seus Papéis Participantes – o virado – que é construído como uma instância do Papel Argumental tema e representa a entidade que sofreu uma mudança. O alvo, conseqüentemente, é uma contribuição da própria construção por não ser previsto na semântica

9      Corresponde exatamente a 38.611713665944%.

do verbo, o que é indicado pela linha pontilhada. Nesse caso, os Papéis Participantes virador e direção, que compõem a Estrutura Semântica do verbo, não são perfilados para esse uso.

Além da ocorrência em (8), a CRI e o verbo *virar* também licenciam usos como:

(9) Mas então Rui lembrou-lhe a ação fecundante do sol, **aquele desperdício viraria estrume em poucas horas** e serviria para adubar os primeiros plantios. Paavo aceitou o argumento. (19:Fic:Br:Carvalho:Suomi).

(10) Não é opção, assim como ser hétero também não é opção. Ninguém fala “**sábado eu vou virar homossexual**” (19Or:Br:Intrv:Cid).

(11) [...] Thomas quer fazer uma espécie de fórum pop da filosofia clássica. Assim, **Pluto vira Platão**, Mickey torna-se Rousseau. (19N:Br:SP).

Através dessas ocorrências, se constata que a mudança se refere a atributos tanto físicos quanto abstratos. Em (9), a entidade passaria por uma mudança em suas propriedades e serviria como estrume para fins de plantio e, assim, passa de provável lixo para um fertilizante. Em (10), há a pressuposição da heterossexualidade e da homossexualidade como duas possibilidades de mudança entre si, o que é negado pela interlocutora, mas não exclui o pensamento binário e o senso comum de mudança. E, em (11), há um exemplo muito feliz por ter em sua sequência uma oração com o verbo *tornar*. Dessa forma, em (11), há uma ocorrência da CRI com seu verbo prototípico – *tornar* – e uma outra ocorrência com um verbo menos prototípico – *virar*. Nesse caso, Pluto muda sua identidade para Platão.

Diferentemente da CMC, a CRI apresenta todos os *slots* preenchidos em quase todos os usos. Isso porque o predicativo do sujeito possui *status* absoluto de informação nova em atribuição ao tema/sujeito. No entanto, quando há elisão, ocorre apenas com o sujeito, sendo a Língua Portuguesa uma língua *pro-drop*. Uma ocorrência é apresentada a seguir:

(12) A pesca de a truta, uma espécie importada, é uma atividade econômica importante hoje. **Virou também prato obrigatório para os turistas em a região.** (19N:Br:Folha)

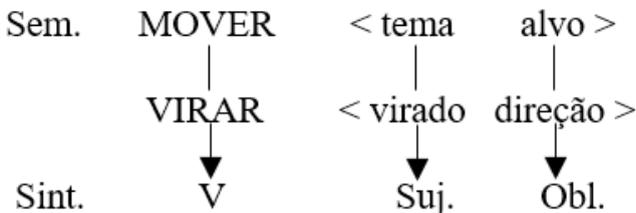
Em (12), a elisão é motivada discursivamente, uma vez que a mudança se refere a uma entidade já mencionada anteriormente no discurso. Além disso, houve uma tendência muito grande dessa construção em textos do gênero jornalístico, o que pode também ter motivado a maior ocorrência do sujeito. Ainda em contraste com a CMC, a CRI também não apresentou usos com construções de voz, como a passiva ou a reflexiva. Assim, ao menos com o verbo *virar*, a construção apresentou usos de ordem bastante fixa.

A terceira Construção de Estrutura Argumental constatada nos usos com o verbo *virar* foi a CMI. A Frequência *Token* do verbo *virar* na CMI foi de 105 ocorrências, correspondendo a aproximadamente 11% dos dados<sup>10</sup>. Essa construção conceptualiza um evento em que uma entidade se move em relação ao espaço a fim de mudar a sua posição ou a sua trajetória e pode ser esquematizada como [(X se mover para Z) → (S V Obl.)]. A seguinte ocorrência atesta o seu uso com o verbo *virar*:

- (13) Eu, confesso-o agora, borrado de medo. **O boi virou à esquerda**, entrou no pátio da antiga Sociedade de Transportes. (19N:Pt:Beira).

Em (13), o boi se move para alterar a sua trajetória à esquerda. Nesse caso, o verbo *virar* também não implica o seu significado prototípico, porque a construção coage o aspecto causativo da sua interpretação e, por isso, sua Estrutura Semântica não é fundida isomorficamente com a Estrutura Argumental da construção, como consta na Figura 5:

Figura 5 – Construção de Movimento Intransitiva e verbo *virar*



Fonte: baseado em Goldberg (1995, 2006).

Como o verbo *virar* não é uma instância central dessa construção, a Figura 5 representa uma fusão não isomórfica entre a Estrutura

<sup>10</sup> Corresponde exatamente a 11.388286334056%.

Argumental da construção e a Estrutura Semântica do verbo. A CMI delimita dois Papéis Argumentais – o tema e o alvo – que são associados simbolicamente às funções de sujeito e de oblíquo. Assim, o verbo *virar*, ao ser integrado a esse padrão, perfila apenas dois dos seus Papéis Participantes – o virado e a direção – e não perfila o virador, uma vez que a construção não representa um evento causativo. Essa integração também instancia usos como:

(14) Na esquina, **viro para a Maria Quitéria** disposto a pegar um ônibus no ponto de parada diante da Igreja da Paz. (19:Fic:Br:Vieira:Mais).

(15) Nicolau deu um suspiro, puxou o lençol para baixo, enterrou a cara no travesseiro. **Dona Esmeralda virava para a direita, dava com a chama da vela, virava para a esquerda. não achava jeito, se impacientava.** - Nicolau! Passa a vela pro seu lado, faz favor! (19:Fic:Br:Castilho:Avulsos)

Em (14), a conceptualização envolve uma mudança de trajetória. Nesse caso, o eu, que narra um percurso, indica a sua mudança de direção para uma determinada rua. Esse uso também foi comum com entidades humanas na função de oblíquo, cuja interpretação é metaforicamente como um ponto de referência locativo. E, em (15), a mudança não envolve trajetória, mas a posição de Dona Esmeralda em relação ao seu próprio eixo na cama, alterando sua posição para a esquerda ou para a direita.

Todos esses usos não são compatíveis com a CMC, porque não envolvem eventos causativos-manipulativos em sua interpretação. Desse modo, os eventos não são interpretados a partir de um causador e também não são marcados por pronomes oblíquos, como seria o caso da CMC com a Construção de Voz Reflexiva. Portanto, todas são instâncias da CMI.

Essa construção também não se limita ao domínio físico da mudança, como pode ser constatado no seguinte uso:

(16) Viradas - Fetter Júnior, do PPB, foi o único deputado gaúcho a mudar posição, ficando contra o governo, ontem, na votação da reforma administrativa. ao todo, somaram 22. **Outros 23 viraram a favor do governo, sendo 7 do PFL, 6 do PMDB e 6 do PPB.** (19N:Br:PA).

Em (16), a mudança espacial é projetada para uma mudança de posição política. Dessa forma, assim como a CMC, a CMI também

se estende a contextos abstratos através da metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO (LAKOFF *et al.*, 1991). Assim, o deslocamento físico de uma entidade no espaço, como alterar a direção em uma trajetória, pode ser projetado para contextos mais abstratos, como mudar de posição política.

Além disso, a CMI também ocorre com alguns argumentos omitidos, como pode ser observado em (14). Porém, todos são Argumentos Nulos Definidos pela identidade dos seus referentes ser contextualmente recuperada. Em (14), particularmente, o sujeito é elidido por se tratar de uma narrativa em primeira pessoa e pela sua identidade ser recuperada pela morfologia verbal. Assim, as elisões também são motivadas discursivamente ou pragmaticamente.

Entre os dados analisados, 35 ocorrências, cerca de 3% dos dados<sup>11</sup>, se referem a construções menos composicionais. As seguintes ocorrências atestam seus usos:

(17) Ele me respondeu que eu tinha de ir. Só que não havia dinheiro para a viagem. Estado - O que você fez? Faria - **Comecei a me virar**. Mas ninguém queria patrocinar minha ida à França. Eu conhecia a Eneida, que na época era uma famosa cronista. (19Or:Br:Intrv:ISP).

(18) Celso acabou casando com uma bandeirante. Sabe o quê? Seus quatro filhos são hoje garotos-problema, falam sem parar, inconvenientes que usam brincos, roupas folgadas, repetem de ano e detestam livros. **Vira e mexe, encontro um deles numa casa noturna daqui**. É de uma gangue que, às noites, quebrando retrovisores de carros importados. Já foi pego duas vezes. (19:Fic:Br:Paiva:Brasil).

Usos, como em (17), tiveram uma Frequência *Token* de 26 ocorrências e sempre com pronomes oblíquos. Provavelmente, esse uso teve sua origem na coocorrência da CMC com a Construção de Voz Reflexiva. No entanto, a sua conceptualização não remete a um evento causativo-manipulativo, mas está relacionada à noção de *esforço* em que uma entidade – representada pelo sujeito – deve tomar uma atitude por si mesma ou encontrar alguma solução, apesar de alguma dificuldade particular. Assim, em (17), Faria, ao ter dificuldade financeira para viajar, procura por si mesmo soluções que o levem a concretizar o seu objetivo. Desse modo, esse uso se refere a uma mudança entre um estado passivo e um estado ativo a fim de solucionar um problema. Nesse caso, ainda

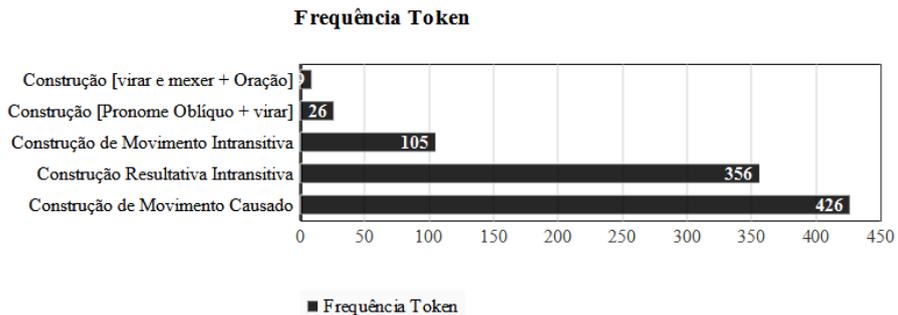
<sup>11</sup> Exatamente 3.7960954446855%.

há traços do sentido prototípico ao projetar os dois espaços físicos do movimento ao domínio abstrato de inércia e ação.

Usos, como em (18), tiveram uma Frequência *Token* de 9 ocorrências. Em particular, “*vire e mexe*” não mais representa um evento baseado em experiências físicas, como mover ou revolver algo. Em vez disso, representa uma informação de cunho adverbial ao indicar a frequência com que um evento ocorre. Dessa forma, em (18), o narrador indica as várias vezes que encontrou os filhos de Celso em uma casa noturna. Assim, essa expressão remete a uma noção temporal similar a *frequentemente* e *constantemente*, mas também pressupõe uma sucessão de eventos em relação ao acontecimento observado.

A análise se concentrou na relação de diferentes Construções de Estrutura Argumental com o verbo *virar*. Dessa forma, o mapeamento não contemplou todas as construções com as quais o verbo *virar* pode ser usado na Língua Portuguesa. De acordo com a análise acima, o verbo *virar* foi constatado: (i) na CMC, cujo *frame* também aciona um evento causativo-manipulativo; (ii) na CRI, que evoca uma mudança de estado; (iii) na CMI, que conceptualiza uma mudança de posição ou de trajetória; (iv) na Construção [Pronome Oblíquo + *virar*], que envolve a noção de *esforço*; e (v) na Construção [*virar e mexer* + Oração], que representa uma informação temporal<sup>12</sup>. O Gráfico 1 sistematiza a Frequência *Token* do verbo *virar* em cada uma dessas construções:

Gráfico 1 – Frequência *Token* do verbo *virar*

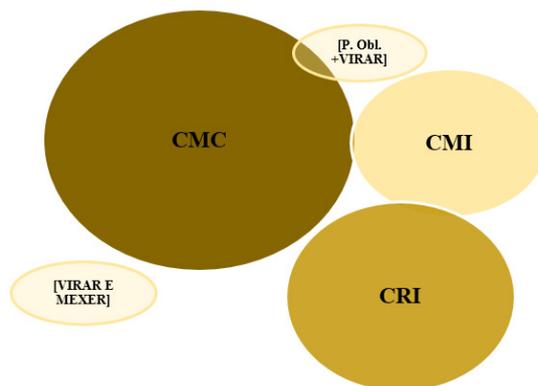


Fonte: autoria própria.

<sup>12</sup> As três primeiras construções já estão definidas e nomeadas pela literatura e se referem a fenômenos sintáticos mais amplos e as outras foram descritas a partir desta pesquisa e são de natureza mais específica para usos com o verbo *virar*. Por isso, decidiu-se tratá-las apenas pelas suas representações e não as nomear, visto que outras pesquisas são necessárias.

Conforme o Gráfico 1, o verbo *virar* ocorreu mais frequentemente na CMC, uma vez que são semanticamente compatíveis e, por isso, corresponde ao seu uso mais prototípico. O segundo padrão mais recorrente foi a CRI, cuja relação com o verbo VIRAR é metafórica de acordo com as metáforas MUDANÇA É MOVIMENTO e MUDANÇA DE ESTADO É MUDANÇA DE DIREÇÃO. O terceiro padrão mais frequente foi a CMI que coage a interpretação causativa do verbo, mas mantém a conceptualização de movimento em relação ao espaço. E os dois usos menos frequentes correspondem a construções menos composicionais que foram identificadas entre os dados coletados no Corpus do Português. Por essas informações, pode-se sistematizar esses usos no seguinte agrupamento:

Figura 6 – Agrupamento dos padrões construcionais com o verbo *virar*



Fonte: autoria própria.

A Figura 6 sistematiza as relações de sobreposição entre os diferentes usos do verbo *virar* no Espaço Conceptual Hiperdimensional. Cada círculo representa uma região específica no agrupamento: (i) o tamanho indica o alcance de sua distribuição no agrupamento; e (ii) a tonalidade indica o grau de sua ativação em relação ao significado do verbo *virar*. A CMC ocupa o maior espaço e possui o maior grau de ativação por corresponder ao uso mais prototípico do verbo *virar* e ser o mais recorrente nos dados. Em seguida, a CRI também ocupa um maior espaço e um maior grau de ativação, embora seja menor que os usos na CMC. Depois, a CMI com menor espaço ainda e com menor grau de ativação também. E, por fim, os usos menos composicionais

que ocupam espaços mais marginalizados na representação e possuem menor grau de ativação.

Vale observar ainda que a CMI e a Construção [Pronome Oblíquo + *virar*] estão relacionadas à CMC por um Elo de Subparte e por um Elo de Instância respectivamente. Além disso, a CRI está relacionada por um Elo de Herança Metafórico com a CMI. Por isso, essas regiões estão mais próximas na representação da Figura 6.

## 5. Conclusão

O objetivo do artigo foi descrever os usos com o verbo *virar* a fim de mapear um conjunto de padrões construcionais associado a ele na Língua Portuguesa. Pelos objetivos específicos, a análise se concentrou na relação de diferentes Construções de Estrutura Argumental com o verbo *virar*. A partir dos dados, constatou-se que o seu uso está relacionado a cinco construções específicas: (i) a CMC; (ii) a CRI; (iii) a CMI; (iv) a Construção [Pronome Oblíquo + *virar*]; e (v) a Construção [*virar e mexer* + Oração]. A Estrutura Semântica do verbo *virar* se funde isomorficamente apenas com a Construção de Movimento Causado, uma vez que ambos acionam um *frame* semântico de evento causativo-manipulativo e divergem apenas em nível de especificidade. Por outro lado, nos demais usos, a Estrutura Semântica do verbo é coagida pelo padrão construcional a fim de reinterpretar sua semântica em termos de outros eventos, como uma mudança de estado ou uma mudança de direção sem envolvimento causativo. A sistematização demonstrou a relação e a sobreposição desses diferentes usos no agrupamento de representações atribuído ao verbo *virar* no Espaço Conceptual Hiperdimensional.

Portanto, confirmou-se a hipótese de que o agrupamento de representações associado a um verbo também é constituído por sua relação com diferentes Construções de Estrutura Argumental. Desse modo, o agrupamento de representações do verbo *virar* também se refere aos seus diferentes contextos de uso que assumem diferentes padrões oracionais. A partir deles, usos mais específicos emergem, como pôde ser observado com a Construção [Pronome Oblíquo + *virar*]. No entanto, se faz necessária análises mais específicas de cada padrão e também de dados em maior quantidade para construir uma rede de relações mais complexa e mais integral do verbo *virar* e para avaliar a sua distribuição no *constructicon* da Língua Portuguesa. Só assim é possível uma análise que corresponda ao real conhecimento de língua e, mais especificamente, do conhecimento sobre as possibilidades de usos

do verbo *virar*, esmiuçando usos mais específicos a partir dos padrões mais gerais constatados neste estudo.

### **Declaração de autoria**

Os autores declaram a responsabilidade conjunta na realização dessa pesquisa, sendo as contribuições teórica e analítica e a revisão geral do texto uma contribuição de ambos. Em razão disso, assegura-se a veracidade da autoria compartilhada.

### **Agradecimentos**

Agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa durante o mestrado no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Cora Coralina.

### **Referências**

- BARROS, D. M. *Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional*. 2016. 176 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2016.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- FILLMORE, C. J. *Frame Semantics*. Linguistics in the Morning Calm. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982.
- FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O’CONNOR, C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, Baltimore, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988. DOI: 10.2307/414531
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.
- GOLDBERG, A. E. *Construction at Work*. The nature of Generalization in Language. New York: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Explain me this*. Creativity, competition, and the partial productivity of constructions. New Jersey: Princeton University Press, 2019.

GOLDBERG, A. E. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. California: University of California, 1995.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*. Baltimore, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980. DOI: <https://doi.org/10.2307/413757>

LAKOFF, G. *et al. Master Metaphor List*. Cognitive Linguistics Group. Berkeley: University of California at Berkeley, 1991.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: A basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

MICHAELIS, L. A. Construction Grammar. In: BROWN, K. (ed.). *Encyclopedia of Language & Linguistics*. Amsterdã: Elsevier, 2006. p. 73-84. DOI: 10.1016/B0-08-044854-2/02031-9. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/304041256\\_Construction\\_Grammar](https://www.researchgate.net/publication/304041256_Construction_Grammar). Acesso em: 06 mai. 2021.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. T. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.